

Abordagens metodológicas: o pensamento complexo e os processos do fazer e do ensino nas artes visuais

Dr. Francisco Pereira Fialho - UFSC
Msc. Roseli Amado da Silva Garcia – UFSC / FIB / UCSAL

Resumo

Este artigo busca responder um dos questionamentos proposto pelo XVI Encontro Nacional da ANPAP, “Existem especificidades no campo das artes visuais?” a partir das experiências dos autores, dos pensamentos de autores e artistas, como Sílvio Zamboni, Sandra Rey, Edgar Morin, Roy Ascott.

A opção dos autores foi enfocar a questão a partir dos métodos e metodologias utilizadas no campo das artes visuais, nas dimensões da produção e do ensino traçando um paralelo entre o pensamento complexo e o fazer - artístico nas artes visuais.

Palavras-Chave: Pensamento Complexo, Fazer Artístico, Ensino das Artes Visuais

Abstract

This article intends to answer the question proposed by the XVI National Meeting of ANPAP, “Is there specificity on the visual arts field?”. The study was proposed by the own experiences of the authors and the thoughts of Edgar Morin, Sílvio Zamboni, Sandra Rey and Roy Ascott. It was proposed by comparing the principles of the Complexity by Edgar Morin and the artistic making and so the artistic teaching.

Key- Words: Complex Thought, artistic making, visual arts teaching.

Introdução

O desejo de escrever este artigo surgiu da provocação temática do XVI Encontro Nacional da ANPAP: Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, tema que integra nosso caminhar no campo das artes, desde quando percebemos nosso interesse pelo fazer artístico e sua importância para a formação integral do ser humano. Buscamos desenvolver o trabalho, tendo como norteamento o questionamento, também proveniente da apresentação do encontro: “*Existem especificidades no campo das artes visuais?*”.

Zamboni (1995) descreve as faces da arte, como sendo: *criação, recepção, crítica e ensino*. É uma área do conhecimento complexa, no sentido de abarcar vários sistemas com características específicas. Para buscar responder ao questionamento, percorremos de forma panorâmica a história da ciência, das

transformações ocorridas nos processos de recepção dos trabalhos de arte, a partir da criação de novas técnicas e tecnologias, finalizando com o ensino. As questões e aproximações do método na ciência e na arte serviram como bússola para nossas reflexões.

Arte e ciência estão sempre presentes nas culturas humanas, diferenciando-se em relação aos métodos e práticas utilizadas (Barbosa, 1993) e também as leituras que procedem dos resultados obtidos. Enquanto a leitura na ciência é única, no campo das artes, abre-se para o receptor possibilidades de infinitas leituras. Enquanto produção humana, as artes visuais também se configuram como conhecimento. Assim, podemos dizer que as artes fazem parte do tipo de conhecimento denominado sensível. É o campo dos afetos, da sensibilidade, da liberdade, das experimentações.

Fialho (2001) apresenta o fenômeno da cognição como resultante do sistema biológico do ser humano, de sua capacidade de aprendizagem a partir da inserção e relação com o mundo, e por uma *episteme da observação*, que reúne os pressupostos e raciocínios utilizados pelo observador do fenômeno (grifos do autor).

Tem-se o conceito de episteme como a emergência de formas de percepção e explicação da realidade, a partir das correlações entre o biológico e o cultural. (FIALHO 2001). Desta forma, podemos dizer que vivenciamos transformações no que diz respeito à episteme, oriundas das inovações técnicas e tecnológicas, fruto das culturas. Essas transformações proporcionam mudanças de percepção e atuação do homem na realidade.

Paradigmas Científicos na modernidade e na contemporaneidade: um breve panorama sobre as abordagens metodológicas

A Ciência Moderna, surge no séc. XVII, com Galileu Galilei, (1564-1642), Francis Bacon (1561-1626), René Descartes(1596-1650), tendo o método como pressuposto para as realizações das pesquisas. A busca de respostas aos questionamentos preconizava uma verdade única. Isaac Newton

posteriormente aprofundou as contribuições de Galileu Galilei, integrando o grupo dos cientistas modernos.

Aliado ao método dedutivo, criou-se o método indutivo que levava a realização de experimentações e posteriores verificações e confirmações dos resultados. Buscava-se uma verdade única.

O reducionismo; a fragmentação; o mecanicismo; o racionalismo. são características da ciência moderna. A visão do homem nesse período em relação a natureza é de dominação e exploração, através da utilização de instrumentos e máquinas. (ARANHA; MARTINS, 2002).

A sociedade contemporânea viu surgir, em decorrência das descobertas científicas de Albert Einstein e de seu grupo de pesquisadores (de 1905 a 1915) a chamada Teoria da Relatividade. As descobertas sobre o mundo subatômico levaram à construção de novas teorias e pensamentos, como o “Princípio da Incerteza” de Heisenberg e a “Noção de Complementaridade” de Niels Bohr. As leis da física formuladas por Isaac Newton, e os cientistas que o antecederam não respondiam aos questionamentos provenientes daquela realidade.

Novas formas de se trabalhar a pesquisa, na ciência foram construídas, a partir dessas descobertas e também do advento da Teoria Geral dos Sistemas. A Teoria Geral dos Sistemas, divulgada depois da Segunda Guerra Mundial, foi proposta em 1920 pelo biólogo alemão Ludwig von Bertalanffy (1901-1972). (LITTLEJOHN, 1988).

Um sistema refere-se a um conjunto de partes que se ordenam e se integram em busca de uma meta. Bertalanffy afirmava que os sistemas vivos são sistemas abertos. Existem três tipos de sistemas, segundo Silva (2005): emergentes, teleológicos e mistos. Os sistemas emergentes são naturais; os sistemas teleológicos surgem a partir de um planejamento ou projeto e os sistemas mistos abarcam essas duas características apresentadas.

São características dos sistemas abertos:

- Totalidade – as partes que o constituem estão integradas;

- Interdependência – os elementos vão reagir de acordo com o comportamento dos demais elementos que o constituem;
- Hierarquia – existem graus diferenciados entre as partes constitutivas do sistema, ou seja, subsistemas;
- Auto-regulação e controle – as interações entre as partes e também dessas com o ambiente externo acontecem a partir de *feedback* ;
- Trocas com o meio externo – os sistemas estão em constante interação com o ambiente externo.

A Teoria do caos, nas décadas de 70 e 80, proporcionou a visão da não-linearidade nas interações de causa e efeito. Esse fato levou os pesquisadores a trabalharem os sistemas como não-lineares, trazendo a *incerteza* e a *adaptabilidade* como características dos mesmos. Stacey (1996) conceitua os *sistemas adaptativos complexos* (SAC) como sistemas capazes de promover a aprendizagem. Esta ocorre através da seleção de estratégias utilizadas para o encontro das respostas dadas ao ambiente.

Uma outra abordagem metodológica se configura no campo das ciências: o pensamento complexo. Morin (2007) sob a perspectiva do pensamento complexo, aborda o método como estratégia¹.

Princípios do método no pensamento complexo, segundo Morin (2007):

1. Princípio sistêmico ou organizacional – é a característica da emergência de novas possibilidades a partir das inter-relações entre as partes de um sistema;
2. Princípio hologramático – a parte contém a característica do todo, tendo condições de recriá-lo;
3. Princípio da retroatividade – o princípio de causa e efeito interferindo-se mutuamente, de forma não-linear;
4. Princípio da recursividade – os sistemas se auto-organizam, se adaptam às mudanças do meio externo e interno.

Morin (2007) nos diz sobre a incompletude nos processos de apreensão do objeto de estudo; assim como da finalização da obra. Dessa forma, enfatiza a importância de se apresentar os limites dos estudos realizados, enquanto

incompletosⁱⁱ. São características do pensamento complexo: a incerteza; a multidimensionalidade; o não-reducionismo, ao mesmo tempo em que possui consciência da impossibilidade de se apreender o todo; a interatividade; a inclusão; a dialogicidade entre ordem/desordem, necessidade/acaso, estabilidade/dinamismo; assim como os princípios apresentados no parágrafo anterior.

Na abordagem metodológica do pensamento complexo, podemos dizer que existem pontos semelhantes à abordagem metodológica no campo das artes visuais, pois a obra se faz enquanto caminho a ser percorrido, apreensão dos acasos, rapidez nas tomadas de decisão.

O erro é tido como caminho para a apreensão do objeto de estudo, ou seja, a valorização e consciência do processo, do reaprender a aprender.

A produção e a recepção nas artes visuais em nossa contemporaneidade - um breve panorama

Sabemos que a obra de arte é construída a partir do tripé: obra, artista e espectador:

1. A obra enquanto um sistema, construída material ou virtualmente a partir do vocabulário visual, de materiais e tecnologias disponíveis, aberta a inúmeras significações;
2. O artista-propositor-pesquisador, buscando ter consciência de sua proposta, de seu meio, das possibilidades que se abrem enquanto técnicas, processos;
3. O espectador - co-autor da obra, convidado muitas vezes a interagir, a participar da construção da proposta.

Foi em 1958 que Umberto Eco lançou seu livro *Obra Aberta*. Seu modelo de obra aberta baseou-se no conceito de poética de Paul Valéry, ou seja, do fazer artístico, estudo do processo de construção da obra.

A interação do espectador na obra, enquanto agente ativo de sua construção foi se aprofundando em grau com o passar dos anos, assim como o processo reflexivo do artista sobre o seu fazer - artístico. Nos anos 40 do século passado os móveis de Alexander Calder já apresentavam um movimento real na obra, o que de certa forma levava a uma transformação da mesma. Nos anos 60 com o movimento da Optical Art, novas experiências foram realizadas e o espectador passa a ser convidado a manipular objetos e a participar das propostas dos artistas.

No Brasil, as obras de Hélio Oiticica e Lygia Clark, fazem este convite ao espectador, enfatizando o sensório, o visual e o sinestésico.

Propostas surgiram ao longo dessas décadas, sendo que com o advento do computador e da telemática (anos 90), os artistas se colocaram frente a um universo de novas possibilidades, para a construção de suas obras. Roy Ascott (1995) já apresentava o computador enquanto ambiente e não simplesmente uma ferramenta, levando o espectador a percorrer o caminho quádruplo: conectividade; imersão; interação; transformação e surgimento, o que denomina de cibercepção.

Atualmente experiências são propostas no campo da ciberarte, evidenciando-se a interatividade, ou seja, o receptor como co-autor das propostas artísticas e a obra em constante processo de elaboração-significação.

O processo sempre esteve presente no fazer artístico, enquanto caminho a ser percorrido; absorção dos acasos; reflexão e auto-conhecimento; experimentação em percurso projetado. Sílvio Zamboni e Sandra Rey são exemplos de dois artistas-pesquisadores que desenvolveram estudos sobre o método na produção artística. Em ambos tem-se a presença do objeto, das referências; do processo, do questionamento; da reflexão sobre o fazer artístico e da obra sempre levando a outra obra, ou seja, um percurso sempre em construção.

Sobre o ensino da arte

Ana Mae Barbosa apresenta a Proposta Triangular (1991) não como método, mas como proposta de trabalho, de apreensão do objeto para o ensino das artes visuais. Essa proposta, subdividida em três momentos, abarca a Crítica e Estética da Arte; a Produção Artística e a História da Arteⁱⁱⁱ.

A proposta de Barbosa, metodologicamente, busca trabalhar com esses quatro caminhos^{iv}, de forma sistêmica e não fragmentada, sendo desenvolvidos em três etapas: a leitura da obra de arte, construção de significados, compreensão, estabelecimentos de relações; a produção artística, o estudante trabalhando seu próprio processo de criação, a partir de uma obra, de uma temática escolhida e a contextualização – situando a obra no tempo e no espaço, estabelecendo correlações com outras disciplinas. Isto nos direciona para o pensamento de John Dewey (1974) sobre a *experiência estética*.

Dewey se refere à *experiência estética* não somente como a experiência do belo, mas como toda vivência que possibilite ao sujeito quatro momentos: o da consciência sobre a experiência; a experiência tendo início, meio e fim; a possibilidade de reelaboração da experiência pelo sujeito; a transformação do sujeito após a experiência.

Ambas abordagens podem ser descritas a partir dos princípios do pensamento complexo, a saber: sistêmico, da recursividade; da hologramaticidade e da retroatividade

Percebemos a vinculação da proposta triangular com as premissas do pensamento complexo, colocando-se como possibilidade de caminho a ser percorrido nos processos de ensino-aprendizagem nas demais áreas do conhecimento. Da mesma forma, a experiência estética proposta por Dewey,

Considerações Finais

Com a construção de novas teorias, novas abordagens da realidade; novas leituras de mundo são realizadas. Surgem novas percepções. Acreditamos que o método no campo das ciências tem percorrido um caminho de aproximação,

de absorção de características do método no campo das artes visuais, seja como produção, seja como ensino e vice-versa.

Podemos dizer que vivenciamos um momento em que uma nova epistême se configura: a epistême da complexidade, trazendo consigo uma outra visão de mundo, solicitando novas posturas de educadores, pesquisadores, artistas- - pesquisadores. Nesse novo olhar, tem-se o resgate do sensível, da valorização do campo dos afetos. Acreditamos que os limites entre as várias disciplinas permanecem, ainda que necessitando ser trabalhados sob uma nova perspectiva.

Nesse momento, as fronteiras entre as áreas de conhecimento tornam-se permeáveis, a partir dos métodos e das abordagens utilizadas; ao mesmo tempo em que se evidenciam suas especificidades. Acreditamos que o campo das artes visuais permanece com suas características, dialogando com as demais áreas, contribuindo para a formação de sujeitos integrais.

ⁱ “A estratégia encontra recursos, faz contornos, realize investimentos, enfrenta o imprevisto, o novo.”[...] A estratégia tira proveito de seus erros [...] não só necessita deles, mas também, a todo o momento, de concorrência, iniciativa, decisão e reflexão”. (Morin, 2007, p.29).

ⁱⁱ “... é preciso que na educação e na aprendizagem seja considerada a problemática do inacabamento, para que a obra e projeto enfatizem seus próprios limites, em lugar de ocultá-los [...] o acabamento de uma obra complexa não deve dissimular seu inacabamento, mas revelá-lo”. (ibid, p.40).

ⁱⁱⁱ Esses são os quatro caminhos que devem ser percorridos no ensino da arte, pela proposta do DBAE Disciplined based art education do Getty Center of the arts, em 1982, nos Estados Unidos da América.

^{iv} A Proposta Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional, entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da Arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das três ações decorrentes: decodificar/codificar, experimentar, informar e refletir. (RIZZI, 2002, p. 70).

Referências:

ALVES, J. B. M. (2005). **Material didático**: Teoria Geral de sistemas. Florianópolis. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/Egc.html>. Acesso em: abr. 2005.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*. São Paulo: Moderna, 2002.

BARBOSA, Elyana. Gaston Bachelard. **O arauto da Pós-Modernidade**. 2. ed. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996.

DEWEY, John. A Arte como Experiência In : **Os Pensadores**. Trad. Murilo Leme. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1974.

FIALHO, F. A. P. Introdução as Ciências da Cognição. Florianópolis: Insular, 2001.

LITTLEJOHN, S. T. Fundamentos teóricos da comunicação humana. Trad. Álvaro Cabral. R.J: Guanabara, 1988.

MATURANA, H. R.; VARELA, F.J.A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. 4.ed.S.P. Palas Atena, 2004.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

RIZZI, Maria Cristina de S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mãe (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p.63-70.

STACEY, R. D. **Complexity and Creativity in Organizations**. Berret-Koehler Publishers. San Francisco, 1996.

Francisco Antonio Pereira Fialho é doutor em Engenharia da produção, professor do Programa de Pós- graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – UFSC.

e-mail: fapfialho@gmail.com

Roseli Amado da Silva Garcia, é mestre em Artes Visuais e doutoranda em Mídia e Conhecimento no Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – UFSC. É professora do Centro Universitário da Bahia – Fib e Universidade Católica de Salvador.

E-mail: roseliamado@passelivre.net